

Um nicho aberto, seriado ou engrenagem manipulada a mão, truncada somente pelo andar do veículo. A vinhetação das grades de madeira na carroçaria não põe em dúvida ou questionamento a sua funcionalidade. E não é mera decoração do tipo promocional, sofisma publicitário e oportunista no aproveitamento de mais um espaço urbano para circular uma mensagem. A postura dessa vinhetação não corrompe o suporte, inscreve-se por sua linhagem histórica, lógica e etimológica como parente direta das formas puras e eternas a que aludiu Van de Velde. (67)

Raramente se encontram decorados os veículos de frotas comerciais nesta linguagem vinculada à Vinheta a não ser em casos especiais, quando a própria marca da firma é um expediente para insinuar a imagem da empresa proprietária da frota e elaborada como sinalização sem referência imediata. Encontramos a Vinheta mais freqüentemente em todos os caminhões dos vários portos, de rotina urbana ou rodoviária, e já podem estimar-se por volta de quatro milhões desses tipos de veículos, entre caminhões e utilitários menores em circulação no país.

A Vinheta faz a sua intervenção no acabamento final da carroçaria, após o revestimento do chassi, ao gosto do dono e quando o veículo está aliviado do seu aspecto mecanicista, quando o motorista já faz dele o seu pequeno lar itinerante e nas horas monótonas de estrada complementa a imagem de família nessa vida errante, mas solidária e cúmplice.

A Vinheta — filete, como é chamada também — nasce de estreitos pincéis tão habilidosos quanto as mãos e aguçados pelo treino de só filetes produzir, monótonos nos espaços geométricos e alegres através das ilhargas de madeira que envolvem o caminhão, a caixa da ferramenta, as lameiras portadoras de afirmações filosóficas que parecem amadurecer nas longas viagens, e até nos paralamas ou nas portas com ilustrações paisagísticas, sempre no estilo da pincelada que é o seu módulo e repertório caligráfico como convém ao gesto exímio que deve criar o filete. A Vinheta adquire a cor mais ou menos encomendada ou sugerida apenas pela matéria que deverá ser habitual no transporte. Pode ser a banana, o cimento, a madeira bruta, a sucata, a fruta e hortaliça. Aí a Vinheta viaja, desgastando-se pelas mãos sujas que a todo o momento carregam e descarregam o caminhão. Por elas pode-se adivinhar a idade da sua tinta e o cansaço de seu uso. A superfície base é a almofada que, saliente, se compara e aparenta, com igual forma e técnica, nos enfeites de circunstâncias festivas e religiosas, nas portas e tetos de igrejas e casas antigas. A Vinheta cumpre então seu ritual, ao sabor das intempéries, nos atritos com a natureza. Brasão ou *tromp l'oeil* perecível.

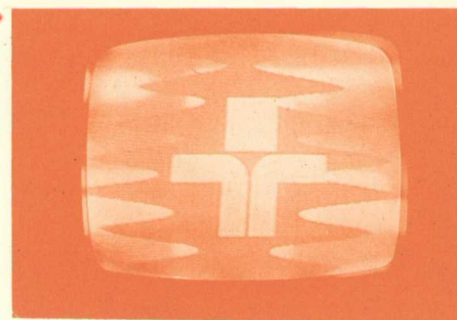
O vinhetista, quase sempre franco atirador, algumas vezes também carpinteiro, aprende alguns modelos de filetagem e sobre eles se faz mestre no devaneio sutil. De oficina para oficina, de cidade para cidade, de estado para estado, há pequenas diferenças de estilo e de repertório, mas o gesto sempre traz a característica da ferramenta — o pincel. Alguns casos de experiências feitas pelo processo de máscara, pintura a revólver ou estampado, não parecem ter ganho muitos adeptos a avaliar pelo reduzido número de casos vistos e pela má qualidade do resultado obtido que se pôde verificar.

A pouca informação dos vinhetistas de problemas artísticos e a sua relação com a origem gráfica da Vinheta, como se viu, parece ser uma das garantias de sua sobrevivência imaculada, pois nenhuma ingerência dessa ordem perturbou os ingredientes do seu processamento dentro da História. E da Caligrafia.

(68)



(69)



(70)



(67) Henry van de Velde. Os fundamentos do estilo moderno, 1962.

(68) DESTAQUE DA MARCA

(69) DINÂMICA ELETRÔNICA

(70) PARA SUBLINHAR A IMAGEM